**Resolução de conjuntura do Movimento Juntos!**

2022 é um ano decisivo para a derrota do governo genocida de Jair Bolsonaro. Sua eleição em 2018, expressão do descontentamento de amplos setores com os representantes tradicionais do regime político brasileiro, representou uma derrota para os trabalhadores e a juventude.

Durante os anos de governo, perdeu apoios importantes e buscou radicalizar seu projeto criminoso de extrema-direita, coesionando seus apoiadores mais fieis, e agora busca se viabilizar com o apoio do Centrão. No entanto, o povo tem feito sua experiência com Bolsonaro. A política negacionista do presidente e de seus ministros desde o início da pandemia foi responsável para que o Brasil já tenha passado das 650 mil mortes pela COVID-19.

Também estimulou o avanço do desmatamento e da garimpagem ilegais, além da perseguição às comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, como ficou expresso no recente sumiço da aldeia dos Yanomamis. Do ponto de vista econômico, não é diferente: vivemos uma grave crise que impacta especialmente o povo pobre, com aumentos mensais e exorbitantes dos preços dos combustíveis, que recaem sobre o preço de todos os alimentos, enquanto os salários não acompanham a inflação.

A tudo isso se soma a escalada golpista de Bolsonaro, que homenageia torturadores da Ditadura Militar e ensaiar preparar um golpe no Brasil, enquanto atua para favorecer sua família, os grandes bilionários, a alta cúpula dos militares, e a corja de milicianos presentes no governo.

Para a juventude não é diferente. Foram os jovens alguns dos setores mais prejudicados pelo descontrole da pandemia no Brasil, sendo na juventude que se concentram as maiores taxas de desemprego, que superam os 30%. Entre jovens empregados, aumentaram as longas jornadas em empregos precários, como os aplicativos, afetando especialmente a juventude negra.

Na educação, Bolsonaro escolher os estudantes como seus principais inimigos, promovendo a destruição das escolas públicas e a militarização dos colégios, ao mesmo tempo que corta verba dos IFs e busca privatizar as universidades, numa tentativa de impedir os estudantes perifericos e negros de entrarem no curso superior.

No entanto, não atravessamos esses anos sem organizar muita luta e resistência. Desde as grandes manifestações de 2013 a juventude tem ocupado as ruas e praças mostrando sua indignação e mobilizando por mudanças reais na nossa sociedade. Ocupamos as escolas em 2015, protagonizamos a Primavera Feminista, nos levantamos contra Temer.

Depois de grandes mobilizações das mulheres por todo o país no Ele Não durante as eleições de 2018, foram as estudantes que ocuparam, às centenas de milhares, nas ruas do Brasil no Tsunami da Educação contra os cortes nas universidades e as primeiras ameaças golpistas de Bolsonaro. Em 2020, inspirada na onda de protestos antirracistas nos Estados Unidos, a negritude foi às ruas, mesmo em meio à pandemia, para parar a escalada golpista de Bolsonaro. E no ano passado, após o assassinato de 13 jovens negros durante uma ação militar no Jacarezinho e diante do escândalo na compra de vacinas, fomos parte da jornada de manifestações contra Bolsonaro que reuniu centenas de milhares por todo o país. Nenhuma ação da extrema-direita passou sem resposta.

Em que pese esse acúmulo de lutas não tenha derrubado Bolsonaro, em parte por um direcionamento da luta de rua para as eleições por parte da Campanha Nacional Fora Bolsonaro no ano passado, ele foi importante para impedir uma empreitada golpista no Brasil, e nos trouxe a 2022 com a grande possibilidade e responsabilidade de derrotar Bolsonaro.

Diante da necessidade de derrotar o projeto fascista de Bolsonaro num cenário eleitoral que já tem se mostrado polarizado desde já, entendemos que hoje Lula é o candidato mais bem posicionado para isso. Entretanto, acreditamos que a derrota da extrema-direita e a resolução da crise que vivemos passam pela defesa de um programa radical que ataque os interesses neoliberais da elite brasileira e internacional; que não admita a existência da fome nem dos bilionários; que aposte na taxação dos ricaços; numa ampla reforma agrária; na desmilitarização das polícias; na legalização das drogas; na criminalização da LGBTfobia; na descriminalização do aborto; entre tantas outras medidas deixadas de lado pelo candidato PTista.

O projeto de conciliação de classes de Lula subordina as necessidades reais de reformas estruturais no Brasil ao interesse de grandes empresários e representantes da direita, inimigos da juventude, como indica a aliança com Alckimin, ex-governador de São Paulo, reconhecido ladrão de merenda e inimigo dos estudantes. Este caminho, de pactuações por cima, pode gerar novas frustrações e abrir espaço para o crescimento da extrema-direita. Diante disso, é necessário que a UBES se apresente de forma independente a qualquer governo ou projeto de conciliação de classes.

Acreditamos que a extrema-direita se derrota na mobilização, e a tarefa da UBES e do movimento estudantil é construir um grande levante antifascista para derrotar Bolsonaro e o Bolsonarismo nas ruas!